

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

ORÇÁ-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.418
Domingo, 8 de Julho de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 28-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE — 5399-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

A contribuição industrial com que pretendem tributar os salários é uma revoltante extorsão contra a qual todos os trabalhadores, sindicados ou não, se devem manifestar pela forma mais eficaz: não pagando um único centavo!

OS MODERNOS DISCÍPULOS DE NERO...

TRAVESSAMOS um período psicológico de graves apreensões. Não é porque as almas sinistras da reacção, expulsas do paraíso da paciência humana e vagabundas em errante giro pelos negros espaços da derrocada certa, possam deter a marcha vitoriosa da criação Ideal que transporta os povos à sua emancipação verdadeira. Tampouco é porque os esbirros, envoltos nas suas caindas escuras como as noites sem luar e caliginosas, possam, com os seus pequenos cones de metal, apagar a luz brilhante do Sol da liberdade e substituí-la, perfeitamente, pelos fogos bruxoantes das suas caligineiras violências e tiranias.

O que pode haver é um passageiro eclipse no céu infinito das puras idealizações dum mundo melhor. Nada mais.

O que nos faz ter em atenção é a onda negra que por detrás de nós se forma e que nos leva a soltar o grito de alerta para que, na sua estúpida resaca, não tenhamos de ser arrastados e precipitados no abismo das profundezas da tirania.

Quem vem lá, afinal? Uma irrequieta horda de discípulos miseráveis do sanguinário Lúcio Domício Nero. Nos seus cérebros esquentados pelo lume das represálias hediondas trazem as mesmas congnições das rubras labaredas da destruição desta nova Roma: — o Pensamento Humano, a Ideia da Libertação dos Povos, a Confederação Livre dos Continentes saídos da tutela degradante da opressão capitalista e irmanados numa libertária solidariedade mútua.

Nero, esse monstro que a História não pôde evitar que as suas páginas fossem esparrinhadas pelas suas crueldades, ordenou o incêndio de Roma porque supôs, no seu avariado bestunho, que nas cinzas do rescaldo ficasse sepultadas as novas doutrinas propagandeadas pelos cristãos.

Não viu, pelo fôlego da sua alucinação e bárbara mentalidade de ditador severo e devasso, que só o progresso e a evolução de outros ideais superiores é que inutilizariam aquelas doutrinas. E porque a sua perversidade e intolerância feroz o tornaram cego, consumou a infâmia para atribuir as culpas aos mártires do cristianismo, fazendo-os passar por toda a sorte de torturas. «Para quê? Para se alastrar ainda mais o credo do comunismo cristão, que mais tarde havia de ser traído, pelos seguidores dos primeiros apóstolos. «Para quê? Para o público vir a ser declarado inimigo público e, em face da revolta do povo, covardemente se assassinar, aturdido pelo peso das suas monstruosas responsabilidades...

Hoje, à distância de tantos séculos, surge-nos os novos Neros encapotados de Mussolini e rodeados dos seus modernos favoritos Tigelinus, os quais amanhã, em imitação aos seus antepassados em categoria, serão os próprios a conduzirem a revolta contra os seus mesmos senhores. E numa fúria de imbecilidade inconcebível, e escabujando no seu rancor, no seu ódio ingente a tudo quanto traduza modernismo doutrinário e que tenha por finalidade o resgateamento da escravatura burguesa, do povo explorador e sofrendor ordenam o incêndio das bibliotecas, das livrarias libertárias, ordenam o incêndio dos centros, dos clubs, dos jornais, dos sindicatos, das Casas do Povo, de tudo, enfim, que represente uma ameaça para a velha civilização e seja condutor seguro para um novo estado social de liberdade, de auxílio mútuo, de trabalho humanizado e extensivo a todo o ser válido, de felicidade assegurada e geral e não exclusiva duma casta opressiva e ladra.

Mas não basta tudo isso, toda essa destruição vandálica para, à semelhança dos bárbaros para com os romanos, se impôr os actuais costumes, as actualidades, a presente organização reaccionária-capitalista às camadas populares que aspiram à sua emancipação. É conveniente também que, como na Idade Média, onde perante o tribunal de Santo Ofício, isto é: se seja acompanhado ao «Fáscio» para lá se ser condenado a ser expulso, ter a casa incendiada, ser expulso e morto; é conveniente também que se façam as chamadas «expedições punitivas» e que se carregue em todos os suspeitos de ideais de renovação com o *«manganelli»*; quer dizer com os pesos bastões que usam os fascistas.

É um retorno descarado às bastonadas inglesas de 1888, para reprimirem a miséria e a sua revolta, e que não puderam evitar, todavia, que os desgraçados, «bastonados, presos, vendidos» continuassem a percorrer as estradas numa lava de desespero e de ódio. Esses incêndios, esses «Fáscios», esses *«manganellis»*, que existem na Itália e que os conservadores, os capitalistas portugueses, querem editar no nosso país com todas as características dos traidores e renegados Mussolinis, destinam-se à perpetuação das desigualdades, da injustiça, da tirania, da exploração, da banalidade, da opulência, do dobocho, da miséria, para que cheguemos à repulsa das fomes do século XII e os famintos, «depois d' terem pastado a herba como as bestas», se tenham de

matar para se comerem; para que se ponha publicamente à venda carne humana, como aconteceu em Tórrer e em Tournais, em França; e para os desgraçados, depois, acabarem «por não ter já força de matar, nem de comer, nem de enterrar, nem de desenterrar», esperando «a morte sobre os cadáveres dos que a epidemia ou a fome» acabem «de levar».

Toda a ideia preconcebida pelo fascismo lusitano, que se arma na sombra, é reduzir a uma miséria mais cruenta as classes trabalhadoras, para que a fome faça das suas, para que os coetâneos Malthus e Althorpe, temendo que «a propriedade seja devorada pela pobreza», reformem os actuais Estatutos da Pobreza, promulguem o novo decreto da lei dos pobres, a fim das hodiernas *«Workhouse»* (casas de trabalho) se transformem em funéreas casas de correção e os infelizes sejam «rodados de golpes, extenuados e esfomeados» para que morram mais depressa e dessembaracem as freguesias — como em 1834 se fez... Ou então para que se prossiga nas *«razias humanas»* operadas pela polícia (fascista), sem resultado nem método» que deram origem a «absurda lenda dos banhos de sangue de Luis XV».

É isto, povo português, o que te quero apresentar. Esses Calígulas da moderna data, considerando o seu cavalo, quer-te, num manhoso afago de tração, extravagantemente elevar-te à categoria de *«consul da humilhação tremenda»*, mas com a condição — ali de ti — de não poderes finchar os gemidos das tuas dores.

Mas — temos esperanças radicadas nas nossas crenças — todos os esforços se hão-de conjugar para que os Mussolinis Neros sejam tidos como inimigos do público e a revolta popular, proletária, rebente espontânea, indomável, vingadora — guiada pela Nemesis saída da sombra das ultra arbitrariedades, vexações, violências e latrocínios, não dando tempo a que os despotas se apunhalassem pelas suas próprias mãos: a espada da justiça revolucionária cortará-lhes a vida de existência antes que pratiquem a covardia de não quererem comparecer perante o tribunal da opinião pública insurreccionada.

E não é verdade que o ódio de «razão» que o fascismo também dá aos seus perseguidos, às suas vítimas, realizará este fenomenal prodígio: o de diluir em m... toda esta sociedade de crimes em... cuja diarreia nauseante conjuntamente perecerão todos os bandidos.

Teremos alcançado o nosso fim: Terra Livre, a Humanidade Livre.

Clemente Vieira dos SANTOS

NOTAS & COMENTÁRIOS

Congresso... e Castro

Deve realizar-se em Lisboa, ainda este ano, no mês de Dezembro, o 2.º congresso da imprensa latina. O primeiro realizou-se em Lion, sob a presidência do sr. Augusto de Castro, secretário do sr. Augusto de Castro, com a concordância do redactor parisiense M. Maurice Walleffe. Nesse congresso fez interessantes discursos o mesmo sr. Augusto de Castro que foi emocionalmente saudado pelo mesmo sr. Augusto de Castro. Houve também um serviço de doces e vinhos fornecido pela Câmara Municipal de Lion que deixou a conhecida Garrett a perder de vista.

Aguardamos ansioso o 2.º congresso. Deve ser interessante ouvir o sr. Castro a discursar e o sr. Augusto a aplaudir.

Castro... e rei

Mão desconhecida que deve obedecer uma cabeça determinada pela fé monárquica enviou-nos uma carta curiosíssima da qual recortamos um trecho que passamos a publicar descomprometida de comentários:

«Este Augusto de Castro é bem o resumo de degenerescência moral desta espécie senil de mediocridades e arrivismos. Não é monárquico, nem é republicano — é português. Como se os monárquicos perdessem com a sua crença monárquica a sua nacionalidade, como se porventura para se ser republicano fosse condição essencial ser-se, pelo menos, exoticamente chinês. Mas esse «português» comprou por sobnismo um chapéu — que é o mais caro da Europa — de 800 francos, o que vem a ser cerca de 1 conto e quinhentos. E esse chapéu passa despercebido, sem provocar comentários, nem causar extraneza, na cabeça dum director de jornal quando o falecido rei D. Carlos foi vibrante e apaixonado defensor da república. Bem parece-me que não deixo de ser monárquico criticando neste ponto o *«Correio da Manhã»*, como não deixo de ser director do referido jornal o sr. Aníbal Soares apesar de, tempos idos, ter insultado a rainha D. Amélia».

Da fase herética

Mão amiga — estamos em maré de epístolas — escreve-nos, relatando um pormenor curioso do admirável autor da «Morte de D. João»:

«A's vezes, em Maio, o céu cobria-se de nuvens ameaçadoras e Guerra Junqueiro punha-se a dissertar sobre chuva e sobre a trovoadas. E misturava, na desordem, um gracinho:

— Lá está o Sr. Pedro a despedir trovões!

— Olha os anjos a urinarem sobre a gente!»

GUERRA JUNQUEIRO

Morreu ontem o genial poeta da «Velhice do Padre Eterno» e do «Finis Patriae»

Guerra Junqueiro morreu. O poeta? Não. O homem. O poeta de há muito morrera atacado pela senilidade. O homem, esse homem, que teimosamente sobreviveu, foi quem deixou de existir. Dizem os jornais e as pessoas bem informadas que foi uma bronco-pneumonia que lhe deu a morte. Talvez fosse. Não importa averiguar, ao certo, a doença que o afastou do convívio da vida. Guerra Junqueiro, por maior que fosse o seu espírito era feito da argila mortal comum a todos nós e um dia havia de chegar que a morte o levasse. Esse dia chegou ontem e bem tarde por sinal. Junqueiro morreu dum idade relativamente avançada. Foi um fruto que caiu da árvore da vida em plena maturação.

Foi um grande poeta? Sim. A sua obra revela talento, e por vezes génio. Foi um grande homem? Não. O poeta superior sempre o homem. A exageração, essa exageração metade feita de meridionalismo — o sol calcinando a serenidade — metade feita de hipocrisia e servilismo — o amolecimento de carácter que é tributo dum passado beato e inquisitorial — fez com que um jornal o comparasse a Vitor Hugo.

A comparação é injusta. Vitor Hugo, desde os seus primeiros passos na vida — «enfant sublime» segundo o baptismo de Chateaubriand — até aos penúltimos, admirado por todo o mundo, foi, em todo o século, Guerra Junqueiro não foi como ele, na mesma genial proporção, um grande lírico, um grande dramaturgo, um grande épico, um grande romancista. Vitor Hugo foi perseguido pela reacção napoleónica — Napoleão, le petit — esteve exilado num rochedo — Quernsey.

Guerra Junqueiro deixou em prosa, apenas alguns fragmentos, admiráveis na verdade, com grandeza, algumas vezes genialidade — mas fragmentos apenas. Vitor Hugo deixou alguns volumes, entre eles «Os Miseráveis» e «Nossa Senhora de Paris». Junqueiro trouxe ao teatro apenas uma revista — «A volta da Parvônia» — e de colaboração com Guilherme Azevedo. Vitor Hugo deixou entre várias peças «Ruy Blas», «Hernani», «Marion de Lorme».

Pondo de banda esta exageração de o comparar a Vitor Hugo — a esse genial Vitor Hugo — de que ele foi forte-mente influenciado — não deixa de se homenagear a verdade, nem anular o culto áspero e ativo da justiça, promer-se que Guerra Junqueiro, foi um cérebro privilegiado e um poeta privilegiadíssimo. Junqueiro está ao lado das mais fortes e essenciais expressões poéticas que a vida tem possuído.

O seu estro abraçou os maiores problemas, refletiu as maiores preocupações, desenhou as maiores ternuras, exprimiu as maiores tragédias da alma humana.

Seria inútil vir agora repisar os títulos das suas obras, citar delas alguns trechos, amassar a poder de paciência, vulgaridades fulgurantes, que as definissem. Junqueiro é dos poetas portugueses, um dos mais vulgarizados. Muitos o leram, bastantes o decoraram, todos o conheceram.

Como homem emprestou o seu grande prestígio intelectual e poético, à guerra ao catolicismo e à demolição da monarquia. Celebrizaram-se as ironias com que crivou o rei Carlos, com que trucidou de ridículo, alguns dos maiores e mais tenazes preconceitos. Vinda a república, Guerra Junqueiro, que proclamara «que a água da pátria não, cabia na capoeira do França Borges» meteu-se na gaiola do «evolucionismo político» acompanhou esse outro ex-blasfemo, que foi António José de Almeida.

Representou diplomaticamente a república em Berne e foi candidato à presidência da república. Triunfou sobre ele, se não estamos em erro, o medíocre velhaco que é Bernardino Machado, apesar da sua candidatura ter a delenda-lis, os seus melhores versos produzidos no jornal de António José de Almeida.

A velhice foi para ele uma tara, uma desdita intelectual. Surgiram então os seus desmentidos. Renegou a «Velhice do Padre Eterno», com gaudios dos católicos e desespero dos livre-pensadores. Mas que podia a velhice contra a mocidade, o que é senil contra o que foi criado. Pode, porventura a chuva e o vento de inverno, por maior furacão que contenha, destruir a primavera, a eterna primavera que sorri em todas as rosas e grita beleza na sua luz potente que tudo ilumina? A vida que se morrer destrói a vida que quer viver?

Dos livros e dos autores

«A Remodelação Social», por Henrique Ferreira — «O Trambolho» novela por Guedes do Amaral — «A Cigana», novela por Augusto Affonso

Só hoje me foi possível completar a leitura do livro «A Remodelação Social», onde o sr. Joaquim Henrique Ferreira trata de assuntos que se relacionam com «A crise portuguesa e o capital».

Com uma errada e limitada orientação, que eu não censuro porque advinha do autor uma pessoa bem intencionada, inventaria-se neste trabalho os diversos males de que sofre a sociedade portuguesa, para se chegar à conclusão da crise económica e social em que o país se debate. Fala-se da incompetência dos dirigentes, da inversão do Direito e da Justiça, da indiferença da maioria, da falta de educação e do espírito de desconfiança e avareza de certos detentores de capitais, terminando o sr. Henrique Ferreira por apresentar remédio para esse mal, com um alvitre que eu chamo «novo sistema tributário». Consiste tal sistema na instituição dos «seguros individuais obrigatórios», pelo qual o indivíduo manifestaria todos os seus bens e rendimentos, ficando seguro, pelo Estado, contra todas as eventualidades dum desastre, quer fosse, sinistro de incêndio, epidemia em agricultura ou animais, acidente físico, etc. Por esse mesmo manifesto averiguaria o Estado do rendimento colectivo para dividir, por cada um, proporcionalmente, o encargo das despesas públicas, previamente orçadas e autorizadas em três meses. Mais detalhe menos detalhe é este o trabalho apresentado. Antes de mais nada direi que esse projecto de seguros individuais obrigatórios já foi alvo do estudo dum dos mais abalizados técnicos de seguros e, se não estou em erro, até do actual chefe do governo, tendo-se pensado na *«nacionalização do seguro»*, não como sistemática de regime tributário, mas para sanear a indústria seguradora, colocando nas mãos do Estado, com o tal manifesto obrigatório dos bens, um todo instrumento para este actualizar todo a matéria colectável, visto que, como é sabido, os que mais têm sobre aqueles que menos pagam.

Não me interessa saber porque foi que esse projecto não foi por diante. Agora quero provar porque afirmo que era errada a orientação do sr. Henrique Ferreira.

Primeiro temos, que a crise económica não é só de Portugal, mas de todo o mundo, fazendo-se aqui sentir mais por ser o nosso país deficitário em trigo, carvão, ferro, algodão e não ter sabido valorizar, a tempo, os recursos de que dispõe.

O aspecto de desordem e avariação

culpa da deficiência que lhes assiste! não obrigação de suportar um mal que não crearam, visto que não são detentores do poder.

Fantasia e ilusão tudo isto!

O mesmo se dizia há 500 anos e entretanto alguma coisa caminhamos, em ciência, em arte, em problemas sociais. Caminhamos e caminharemos, porque as sociedades não podem parar e as conquistas realizadas rasgam novos horizontes ao Ideal.

Guedes do Amaral, jornalista da imprensa do Porto, escreveu para o número 18 da «Novela Sucesso» um trabalho literário que intitulou *«O Trambolho»*, trabalho que, com toda a sua leveza, é um belo documento de inteligência e um modelo de boa observação e perfeita revelação literária. Trata a novela, como protagonista, dum garotinho dalguns meses, um pobretinho sem pai e que do seu berço humilde assiste às secas depravadas em que a desgraça da mãe se entrega a um madraço amante, *«soulteur»* vulgar. O petit é o eterno trambolho dessas aventuras; e da íntima e inarrável dor dessas lances que — quantas vezes! — as tristes crianças retem a vida inteira na alma e no olhar — dessa angélica existência que solta as primeiras sílabas e dá os primeiros passos na vida, à beira dum charco — fez Guedes do Amaral um minúsculo mas admirável estudo literário. Tem movimento, talvez intencional, mas tudo isto condicionado de tal modo irregular, e tam descurado literariamente que a não podemos elogiar. Que o autor não esmoreça, porque todos nós, os que escrevemos, temos horas menos felizes.

Juliano QUINTINHA

Federação do Livro e do Jornal

Mudança de sede

O secretariado da Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, participa a todos os organismos federados e sindicatos operários que a sua nova sede é na rua António Maria Cardoso, 20, 1.ª — Lisboa, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

A contribuição industrial

Os empregados no comércio e indústria e a pretendida tributação dos salários

Promovida pela Junta Executiva (Zona Sul) da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e pela Comissão de Melhoramentos e Propaganda dos Caixeiros de Lisboa, realizou-se amanhã, pelas 21 horas, na rua António Maria Cardoso, 20, 1.ª, uma assembleia magna dos empregados no comércio e indústria, a fim de se tomarem resoluções para impedir que vá por diante a aplicação da contribuição industrial sobre os ordenados dos mesmos empregados.

Dum bem redigido manifesto que foi profusamente espalhado pela classe, extratemos o seguinte:

«Os salários são consequência do esforço individual inteiramente desacompanhado de capital. Só o emprego de capital deve ser incidência de tributação, porque só ele tem o privilégio de sacar lucros até onde os seus detentores aspiram. Aqueles que aprovaram tal imposto, não se lembraram que os empregados no comércio e indústria, não são áridos do valor do seu esforço, nem da sua inteligência e competência.

E porque os empregados no comércio e indústria estão na contingência de só receberem um mesquinho óbolo, tantas vezes carpido, que mais tortura que desafio, impõe-se uma enérgica defesa dos poucos recursos da sua existência, que os torne isentos de qualquer tributação».

A Associação dos Empregados do Escriitório convida a classe a comparecer em massa a esta reunião, dada a excepcional importância do assunto a tratar.

SELO

Pró-A BATALHA

Na segunda-feira deve ser posto à venda o artístico selo de propaganda que A BATALHA acaba de editar.

SÃO 400.000

Quatrocentos mil selos para inundar o planeta.

Ainda não foram postos à venda e já os pedidos afluíram numa quantidade animadora.

Cada carta com 100 selos

— 1500 —

O GÉNESIS

Jeová, por alcunha antiga — o Padre Eterno, Deus muitíssimo padre e muito pouco eterno, Tave uma ideia suja, uma ideia infeliz: Pos-se a esgaravatar co'o dedo no nariz, Tirou desse nariz o que um nariz enoeira, Deitou isso depois cá baixo, e fez-se a terra. Em seguida tirou da cabeça o chapéu, Pô-lo em cima da terra, e zás, formou o céu. Mas o chapéu azul do Padre-Omnipotente Era um velho penante, um penante indecente, Já muito carcomido e muito esburacado. E eis aí porque o céu ficou todo estrelado. Depois o Criador (honra-lhe seja feita!) Acheu a sua obra uma obra imperfeita, Mundo sarrafal, globo de fanearia, Que nem um aprendiz de Deus assassina. E furioso escorreu no mundo sub lunar, E a saliva, ao cair na terra, fez o mar. Depois, para que a Igreja arranjasse entre os povos, Com bulas da cruzada, alguns cruzados novos, E Tartufo pudesse inda dessa maneira Jejuar, sem comer de carne à sexta-feira, Jeová fez então para a crença devota A enguia, o bacalhau e a pescada marmota. Em seguida meteu o mão pelo sovaco, Mais profundo e maior que a caverna de Caco, E arrancando de lá parasitas estranhos, De toda a qualidade e todos os tamanhos, Lançou-os sobre a terra, e deste modo insonto Fez ele o megatório e fez o mastodontes. Depois, para provar em suma quanto pode

Um Criador, tirou dois pelos do bigode, Cortou-os em milhões e milhões de bocados, (Obra em que ele estragou quatrocentos machados) Dispersou-os no globo, o foi desta maneira: Que nasceu o carvalho, o plátano e a palmeira.

Por fim, com barro vil, assombro da olaria! O que é que imaginais que o Criador faria? Um pote? não; um bicho, um bipéde com rabo, A que uns chamam Adão e outros Simão. Ao cabo O pobre Criador, sentindo-se já fraco, (Coitado, tinha feito o universo e um macaco Em seis dias!) pensou: — Deixemo-nos de asneiras. Trago já uma dor horrível nas cadeiras. Fastio... Isto dá cabo até dumha pessoa... Nada, toda a dormir uma sonata bô! — Descalçou-se, tirou os óculos e o chinó, Pitadeou com delicia alguns trovões em pó, Abriu, para cair num sono repentino, O alfarrábio chamado o Livro do Destino, E enfiando bem a carcassa caduca, Com o barrete azul celeste até à nuca, Fez ortodoxamente o seu sinal da cruz. Como qualquer de nós, tossiu, soprou a luz, E de pança p'ró ar, num repouso bendito, Espojou-se, estirou-se ao longo do infinito. Num imenso enxergo de névoa e luz doirada. E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada.

As crianças

PARTIAM ONTEM PARA A COVILHÁ OS FILHOS DOS OPERÁRIOS TÊXTEIS

Efectuou-se ontem, conforme tínhamos anunciado, a partida dos filhos dos operários têxteis da Covilhã para junto dos pais, de quem estavam afastados devido a uma greve prolongada e a magnífica e nobre prova de solidariedade manifestada pelo proletariado.

Antes da hora da partida, as crianças estiveram na sede da C. G. T. Foi uma cena interessante a chegada das crianças que eram acompanhadas pelas pessoas que as tiveram a seu cargo. As crianças apresentavam um magnífico aspecto, tendo a sua indumentária sofrido uma transformação reveladora do carinho com que foram tratadas.

A partida para a estação do Rossio fez-se no meio de grandes manifestações. Na «gare», essas manifestações repetiram-se, notando-se uma viva saudade no rosto das pessoas que em suas casas tiveram as crianças.

Acompañaram-nas na viagem delegados da C. G. T.

NA INGLATERRA

O greve dos operários das doiras

LONDRES, 7. — Continua sem solução a greve dos operários das doiras tendo tomado parte nela mais de 20.000 homens. A greve foi motivada por se pretender reduzir o vencimento diário de onze para dez shillings como tinha sido combinado entre os seus patrões e os seus representantes na conferência de setembro próximo passado. Esta redução devia dar-se quando o ministério do comércio indicasse que o custo da vida tinha baixado dez pontos. Os operários pretendem justificar o seu movimento a que são contrários os dirigentes dos sindicatos, dizendo que os números apresentados pelo ministério do comércio não são a exacta expressão da verdade.

Na Hungria

Um duelo político e sem sangue

VARSOVIA, 7. — O senhor Estanislau Szepiyski ministro da guerra, em nome do governo enviou os seus padrinhos ao marechal Pilsudski, por motivo da frase por este pronunciada num banquete de que não podia ajudar com a sua espada de soldado honrado a quadrilha de bandidos que compunha o governo.

Os dois adversários bateram-se em duelo não havendo efusão de sangue.

A ocupação do Ruhr

A Alemanha, a Santa Sé e as violências

BERLIM, 7. — O governo alemão após a nota do Nuncio declarou que a Alemanha está de acordo com a Santa Sé na condenação de todas as violências criminosas. Durante a sessão do Reichstag o socialista Hermann Müller disse que os actos de sabotagem eram censurados pela maioria do povo alemão, reclamando do governo uma atitude enérgica. O deputado populista Stresemann disse de opinião que os debates a este respeito eram inoportunos reconhecendo que o governo devia publicar uma declaração relativa aos actos de sabotagem.

O atentado de Duisburgo

PARIS, 7. — Os embaixadores da França e da Bélgica convidaram o governo alemão a censurar formalmente o atentado de Duisburgo e a dar o seu concurso para que se procurem e se castiguem os culpados.

Vêr na 4.ª página: Agenda de «A Batalha».

HOJE A VIUVA GOMES

Basta anunciar esta comédia para se encher o teatro Nacional

O atentado de ontem

Contra três juizes do Tribunal de Defesa Social são arremessadas bombas de dinamite:

Ontem, depois do julgamento no Tribunal de Defesa Social e no momento em que saiam do edificio da Boa-Hora os drs. sr. Ferreira de Souza, Barboza Viana e Elias Costa, membros do referido Tribunal, foram arremessadas contra tres bombas de dinamite, resultando ferimentos graves de dois deles, o sr. Ferreira de Souza, que foi atingido por um estilhaço na perna direita, e o sr. Barboza Viana, atingido também por um estilhaço no ombro direito.

O pânico foi imenso, tendo sido dois indivíduos, que fugiam pela calçada de São Francisco, e se presumia serem os autores do atentado, perseguidos por vários civis, entre eles o n.º 1870 da 5.ª esquadra, João Alves, de 28 anos, residente na Travessa da Caldeira, 3, 1.º, que conseguiu deitar a mão a um dos fugitivos quando se refugiara já numa escada na Travessa do Cotovelo, e que o feriu na perna esquerda com um tiro.

O preso, que se chama Domingos da Silva e que também apresentava um leve ferimento na cabeça, foi conduzido ao hospital de São José, assim como o 1870, ficando este na sala de observação e seguindo o Domingos num automóvel acompanhado pelos civis n.ºs 339 e 231, para o Governo Civil.

O outro fugitivo, segundo afirma o sr. Tavares Figueira, secretário do governador civil, que momentos depois compareceu no hospital, suicidou-se na Travessa do Cotovelo dando um tiro na cabeça.

Ficaram também feridos por estilhaços: Artur David Sepúlveda, de 36 anos, aspirante de Finanças e residente na rua de D. Estefânia, que fracturou a perna direita, pelo que recolheu à sala de observação do hospital de São José; Izidoro da Silva, de 32 anos, polígrafo n.º 1679, residente na rua do Salitre, 166, 4.º, que ficou contuso no pé esquerdo, recolhendo também à mesma sala, e Justo de Jesus, de 37 anos, casado, residente na rua do Calhariz de Bemica, 107, 2.º, que ficou ferido no ouvido direito, e recolheu a casa depois de pensado.

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço onde foram pensados José Ferreira Lopes, de 17 anos, residente na rua Saravia de Carvalho, 366, 2.º, D., que ficou ferido na perna direita; Luis Miguel, de 40 anos, residente na rua dos Mouros, 22, ferido na mão esquerda; Manuel de Castro, de 42 anos, proprietário, residente na rua da Cruz da Carreira, ferido na mão esquerda; Manuel Mendes Calais, de 12 anos, empregado no comércio e residente na rua da Bela Vista, à Graça, 4, 1.º, D., ferido no nariz; e Alberto Santos, de 15 anos, empregado no comércio, residente na rua Augusta, 141, 4.º, ferido nas pernas e braços.

Segundo informações que colhemos, aquele indivíduo que se dizia ter-se suicidado e que se chama Paulo dos Santos, trabalhador da Exploração do Porto de Lisboa, não trazia arma alguma consigo e foi morto pela policia dentro dum armazém onde entrara.

DESAPARECIDO

De Pintalhões, concelho de Torres Novas, desapareceu no dia 8 de Junho Artur Rodrigues Vicente, mais conhecido pelo "Lheca", de 30 anos, filho de Maria da Nazaré e João Rodrigues Vicente, falecidos há pouco tempo. Vestia calça de cotim claro e casaco de cotim preto, camisola preta, boné escuro, andava descalço, tem olhos azuis e adentados, barba alourada e buço pequeno. Pedem-se a quem souber do seu paradeiro para o comunicar a Daniel Vicente, páteo do Tijolo, n.º 1, 2.º, à Patriarcal, Lisboa.

Desfazendo uma mentira

Uma carta dos camaradas argentinos, presos no governo civil como "indesejáveis":

Dos camaradas Arcadio Aragon e Miguel Hernandez, presos arbitrariamente nos calabouços do governo civil, sob a acusação de indesejáveis, e a quem as autoridades pretendem extraditar para Espanha, recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor:—Tomamos a liberdade de ocupar um pouco de espaço do jornal dos trabalhadores, a fim de desmentir certas notícias que as autoridades portuguesas espalham, delirando miseravelmente a verdade para justificar a nossa deportação.

Nós afirmamos ser uma refinadíssima mentira o haverem declarado ser espanhóis e convidamos a apresentarem algum auto por nós assinado ou as testemunhas que estiverem presentes que provem o contrário.

O que dissemos ontem, e hoje repetimos, foi que, nascidos na República Argentina, somos anarquistas, e portanto não reconhecemos nenhuma autoridade que repugnam à nossa consciência de homens e lutadores. Foi ante esta declaração que o ministro da Argentina se negou a tomar conta de nós.

Ficamos muito surpresos ontem, quando vimos que a imprensa burguesa, da curso à mesma falsidade, colaborando assim com as autoridades deste país num perfeito conto de vigário.

Ocorre-nos uma pergunta: O ministro de Espanha deixaria cair no laço, negando-se a ouvir as nossas vozes, brandindo contra a injustiça?

Que fale ele, porque, nós sobre o assunto, temos dito.

Aproveitando o ensejo, e em vésperas de partir para o exílio, saudamos os pobres portugueses e proletários e militantes de Portugal, desejando-lhes pronto triunfo nas suas aspirações.

Viva a Anarquia!—Arcadio Aragon, Miguel Hernandez.—Calaibourgo do Governo Civil, 8-7-1923.

S. CARLOS — Telefone C. 5003 — Companhia LUCILIA SIMÕES

ULTIMO DOMINGO

HOJE MAGDA

que amanhã se despede. Magistral criação de Lucilia Simões. O papel de Schiriz por Chico Braga. Notável conjunto — Espetacular encenação do professor Antonio Pinheiro. Primoroso programa pelo sexteto Bibiela desde Esc. 24.º, a venda, de dia, sem aumentos. Pautas, 0.000. Prizes e camarotes, 2500 e 1500.

POR ESSE MUNDO FORA

SUECIA

A sua neutralidade
STOCKHOLM, 7.—A imprensa conservadora sueca fazendo referência ao que se tem escrito na imprensa inglesa acerca do estabelecimento de mais estreitas relações entre a Inglaterra e a Suécia tendendo a manter-se como até hoje numa política de estrita neutralidade.

ALEMANHA

Sobre sabotagens
BERLIN, 7.—O governo alemão publicou a resposta dada pelo chanceler Cuno à nota do nuncio Pacelli acerca das sabotagens.

A casa Krupp e a ocupação
BARLIM, 7.—Desmentindo-se categoricamente o boato espalhado pela imprensa francesa segundo o qual a casa Krupp tinha entrado em acordos com o exército de ocupação acerca do transporte de carvão.

O Vale do Sarre
BERLIN, 7.—O inquérito feito pelo Conselho da Liga das Nações provou que as atuais condições do Vale do Sarre são insustentáveis. Vão ser feitas modificações absolutas na administração dessa região. Foi concedida a amnistia a muitos contraventores das ordenanças ultimamente publicadas.

INGLATERRA

A questão das reparações
LONDRES, 7.—Segundo diz o "Daily Telegraph" as conversações com o embaixador da França nesta cidade serviram, apenas para demonstrar que os pontos de vista inglês e francês acerca da questão das reparações são absolutamente irreconciliáveis. O mesmo jornal diz que a Inglaterra se esforça por evitar a falência da Alemanha o que acarretaria funestas consequências enquanto, que a França procura protelar os acontecimentos na esperança de que a Alemanha capitule.

Um relatório sensacional
LONDRES, 7.—O "Daily Herald" diz que o sensacional relatório publicado pelo "Observer" e que os círculos políticos franceses negam ter sido escrito pelo presidente da Comissão Internacional das regiões do Reno e do Tiro, foi escrito pelo sr. Degilliers me "bro francês da comissão do Reno a quem o sr. Tardieu ordenou negociasse com o sr. Borten chefe do movimento separatista da região renana.

Persistindo no crime
LONDRES, 6.—Lord Robert Cecil, em um jantar da União English-Speaking, no Savoy Hotel, em Londres, teve o seguinte desabafo:

"Não necessário alarmar ninguém, pois todos podem saber que em muitas partes do mundo se patenteiam os sintomas profundamente inquietadores. "Sabem-se que um país está construindo o grande número de aeroplanos, que outro está reorganizando o seu exército, um outro construindo submarinos, e o facto infelizmente verdadeiro — que não pôde ser negado — é que parece haver muitos mais homens armados na Europa do que antes da guerra."

O VERÃO

É a estação em que se deve cuidar mais da higiene.

O "Especifico Sudax" é um desinfetante agradável que se deve usar, principalmente no verão, para manter a higiene dos pés, dos sovacos e das mãos; evita a transpiração excessiva e faz desaparecer completamente o cheiro desagradável do suor. Inofensivo para a saúde, portátil e de fácil aplicação. O "Especifico Sudax" não contem gordura e não mancha a pele nem a roupa. Util e indispensável a todas as pessoas que viajam, às que se dedicam ao sport, às que tem de fazer grandes marchas e a todas as pessoas, enfim, que tem uma vida muito movimentada.

Caixa, 7800. Correio, mais \$50. Depósito geral: Farmácia Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa, Telefone 204, Norte.

Caminho de Ferro de Arganil

Instando pela rápida execução deste valioso empreendimento

Veio ontem junto do Ministro do Comércio uma delegação dos habitantes dos concelhos de Góis, Pampilhosa da Serra e Arganil, composta de algumas centenas de pessoas, acompanhadas dos deputados sr. Torres Garcia, Paulo Menano, Moura Pinto e Antonio Dias, afim de mais uma vez instar pelo rápido andamento das negociações para conclusão do Caminho de Ferro de Arganil, pois que notícias publicadas, acerca dum incidente suscitado por uma reclamação do Conselho de Polares, faziam recuar qualquer demora num empreendimento que há 32 anos aguarda a sua execução.

Depois de ter usado da palavra o deputado sr. Torres Garcia, o Ministro do Comércio declarou considerar da maior importância a representação que acabava de lhe ser entregue e que encareçara um engenheiro, da sua esquadra, para dar parecer imparcial sobre a que lhe fora apresentado pelo Conselho de Polares, isto, porém, sem prejudicar as negociações pendentes para a execução deste indispensável e valiosíssimo empreendimento.

AS GREVES

Marceneiros da Carpintaria Mecânica Portuguesa Limit.

Decorridas algumas semanas continua inalterável a greve dos operários marceneiros desta fábrica apesar dos esforços empregados pela gerência para acorrentar alguns amateiros que possam dar a impressão de que a secção de marceneria funciona.

Acostumados a que os operários se insubordinem apenas quando pretendem aumentos de salário, não compreendem que eles tomem uma atitude enérgica para defender a sua dignidade.

E' que a moral não é exclusiva dos que costumam apregoá-la, não a praticando, mas sim daqueles que, mesmo numa situação aparentemente servil, sabem manifestar-se altivamente dentro do mais alto espírito dignificador.

O mestre Abílio continua trabalhando à vontade, o que para ele, nesta quadra de tempo, deve ser um verdadeiro sacrifício, visto que não estava já habituado a movimentar os músculos.

Para solução deste conflito parece que a gerência da fábrica espera que os restantes operários percam o medo ao cão da porta e seus donos, mas por enquanto os marceneiros estão dispostos a não desarmar e continuam mantendo firme a atitude do início.

Na próxima terça-feira, e conjuntamente a comissão de melhoramentos, reúnem os grevistas para decidirem sobre uns casos que se passam na fábrica.

Desnecessário se torna lembrar a todos os camaradas que nas respectivas oficinas não devem trabalhar em mobiliário daquela casa convidando-se a vir a este sindicato, o mais breve possível, as camaradas polígrafos que para ela trabalham.

Classes gráficas

Continuam sem solução os conflitos nas tipografias do Anuário Comercial e Libânio da Silva. Todos os componentes das respectivas classes se devem interessar por este movimento dando o apoio moral e material ao pessoal das referidas oficinas que com um admirável espírito de sacrifício tem sabido manter, dispostos a lutar com energia para que as reclamações que ora defendem não sejam coartadas ao pessoal da maioria das oficinas gráficas em que está estabelecido o salário mínimo.

Todos os gráficos devem ponderar que se aqueles camaradas, por falta de apoio, tiverem de abandonar as suas aspirações que o são igualmente das respectivas classes, os industriais aproveitar-se-hão desta fraqueza para retirar os aumentos conquistados, e estabelecer a baixa dos salários. Devem portanto todos os componentes das oficinas onde este não está estabelecido o salário mínimo prestar toda a solidariedade aos grevistas para que mais animados continuem lutando pela causa que é de todos e pela qual se estão sacrificando.

A comissão abrindo uma inscrição para subsídio, apela para todos os camaradas menos necessitados que se abstenham de o reclamar, prestando assim um grande benefício aos mais necessitados.

Hoje e amanhã está aberta a inscrição para subsídio, encontrando-se na sede, das 14 às 16, membros da comissão, que receberão as cotizações.

Operários Cerâmicos

Reúniram em sessão magna, para apreciar a marcha do movimento. Reclamou-se a atender as reclamações de aumento de salário, as seguintes firmas industriais:

Empreza Cerâmica de Telheiras e Fábrica Mendonça. Este último industrial chegou a ameaçar a comissão que o procurou.

Foi resolvido apelar para a classe, a fim de que nenhum operário cerâmico vá trabalhar para as referidas fábricas sem que o conflito esteja resolvido.

Foi acicamente comentada a atitude do proprietário da fábrica "Aurora" chamado Campos que despediu alguns operários pelo simples facto de fazerem parte da comissão de "demarques" ameaçando ainda outros com o despedimento pelo mesmo motivo.

A classe reúne na próxima quinta-feira às 20 horas.

EM LAGOS

Operários soldadores
Esta numerosa classe que é a especialidade metalúrgica mais mal paga, resolveu há tempos formular um pedido de aumento de salário, mas, antecipando-se a esse pedido, os industriais ofereceram-lhe \$40 em cento de latas, o que foi aceite.

Ultimamente, vendo os camaradas soldadores que não podiam manter-se com os salários que auferiam, dado o constante agravamento do custo da vida, tomaram a resolução de enviar aos industriais uma reclamação de \$50 em cento, de 4890 em americano e meio alto.

A maioria dos fabricantes declarou dar o que os outros dessem, até que algumas firmas se comprometeram a conceder o aumento pedido, entre elas Taubman & C.º, que depois de ter o peixe fechado, notificou ao seu pessoal para dar mais trabalho. Sabedora a classe de que se passava, abandonou o trabalho e dirigiu-se ao seu Sindicato, para deliberar o caminho a seguir. Unanimemente foi resolvido procurar a cidade firma para saber se persistia no encerramento da fábrica, do que se recebeu resposta negativa.

Porém a firma Lucas & Ventura, Limitada, pela boca do seu gerente, Luis Marreiros, negou-se a cumprir o compromisso tomado, para o que alegou o abandono do trabalho, prestando-se a traír a causa o encarregado Silvestre, um seu filho e um pobre diabo que dá pelo nome de Vicente Velho.

A classe, por solidariedade, para com o pessoal daquela casa, está na disposição de não trabalhar enquanto o referido gerente não mudar de atitude.

A's 8 3/4

1.ª Sessão

EDEN-TEATRO

Telefone N. 3800

A's 10 3/4

2.ª Sessão

DOIS BRILHANTÍSSIMOS ESPECTACUTOS

— A mais deslumbrante e graciosa das revistas —

CALDO VERDE

Noites de entusiasmo — Números repetidos

A Noite, A Orgia e o Trabalho — O Fado dos Bons Amigos — O Nabo e o Grelho — A Cega-rega da Carestia

RIR — RIR — RIR

Sensacionais apoteoses Luxuosíssima guarda-roupa

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES SINDICATOS

Inscritos Marítimos — Pessoal de caméras. — A comissão administrativa, na sua última reunião, depois de ter tomado conhecimento de assuntos da vida interna, assim como também ter apreciado o conteúdo do variado expediente, ao qual deu o seu destino, deliberou nomear os delegados Carlos Soares e Manuel Celestino Graça à festa dos marinheiros e moços da M. M. Portuguesa. Resolveu mais suspender desde já a pena aplicada ao sindicato n.º 642, visto que ter acatado as resoluções da comissão, não preterindo assim os seus camaradas desembarcados. Aprecou também 4 propostas de novos sindicatos, resolvendo-se admiti-los.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina. — Reúne-se anteontem com a presença de delegados das Secções de Palma e da U. S. O. para resolverem a melhor forma da constituição de comissões de propaganda por bairros. Depois de acalorada discussão, ficou assente as bases da constituição da Comissão Mista de Propaganda Sindical de Palma, devendo os camaradas daquela localidade, reunir brevemente para resolver definitivamente.

Foi também resolvido que as comissões de Propaganda, colaborem por todos os meios ao seu alcance, com a U. S. O. para qualquer trabalho que venha a encetar.

Deliberou-se, realizar na próxima quarta-feira, outra reunião juntamente com representantes dos sindicatos do Beato e Olivais, para apreciar os mesmos trabalhos.

Esta comissão reúne amanhã, pelas 20,30 horas, para resolver um assunto urgente.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Sendo absolutamente indispensável responder à circular n.º 32 da C. G. T. sobre posição internacional, até ao dia 15 do corrente, e não se tendo ainda pronunciado sobre o assunto, as Secções do Alto do Pina, Charneca e Belem, apela o Conselho Administrativo para que as referidas Secções o façam o mais urgente possível, comunicando em seguida o resultado das suas votações. Se, porém, o não fizerem até ao dia 14 do corrente, considerar-se-á definida a nossa posição internacional pela maioria de votos da Central do Sindicato, Secções de Palma e Beato e Olivais.

S. U. Mobiliário — Comissão de melhoramentos. — Reúne-se novamente esta comissão, resolvendo entre outros assuntos convocar para a próxima 5.ª feira, o pessoal de todas as oficinas da área da rua da Palma e Baixa.

Na próxima 3.ª feira reúnem os comités das áreas do Bairro Alto e Campo Santana.

CONVOCAÇÕES

Federação Marítima. — Para apreciar e estudar a maneira de solucionar o conflito entre os camaradas de Sines e o agente de navegação e demais industriais daquella localidade, reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Federal, sendo indispensável a comparencia de todos os seus delegados, dada a gravidade do assunto.

Operários Alfaiates. — Depois de amanhã, pelas 21 horas, reúne a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Aula de corte; 2.ª Apreciar um ofício do S. U. da Indústria do Vestuário do Porto; 3.ª Semana associativa.

Manipuladores de Pão. — Reúnem em conjunto a direcção e a comissão de melhoramentos. Foi deliberado convidar a classe, a reunir hoje, em sessão magna, às 18 horas, na sede, rua Arco Marquês do Alegrete, 30, 2.º.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — A comissão de melhoramentos convidou todos os seus membros efectivos e suplentes, a comparecerem amanhã, na sede, às 17,30 horas, para se tratar da situação e da maneira de conseguir a readmissão das camaradas que trabalhavam nos entrepostos de Alcântara e Santa Apolónia, os quais devem comparecer também.

Lavadores e Limpadores de Trens. — Reúnem hoje, às 15 horas, em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse colectivo.

Festas associativas

Realizam-se hoje as festas comemorativas do aniversário do sindicato dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.

Realizar-se-á hoje as festas comemorativas do aniversário do sindicato dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. Haverá alvorada às 8 horas; sessão solene às 14 horas, seguida de um grupo musical; concílio poético por diversos cultivadores da canção nacional; e sortes de prestidigitação às 21 horas, por Eduardo Relvas; concerto musical e quem esse das 20 às 24 horas.

Agremiações várias

Grupo Solidariedade Operária 12 de Novembro. — Reúne hoje, às 16 horas, na sede da C. G. T.

Novo ministro da marinha

Com a assistência de todos os almirantes, directores gerais, chefes de serviços, oficiais da armada de várias graduações e de muitos amigos pessoais, realizou-se ontem, pelas 15 horas, a posse do novo ministro da marinha capitão de mar e guerra sr. Fontoura da Costa, actual ministro da agricultura, que fica gerindo aquela pasta interinamente.

A posse foi-lhe conferida pela seu antecessor sr. Azevedo Coutinho; nomeado Alto Comissário de Moçambique, tendo-se trocado os discursos do estilo.

VIRGÍLIO ARRAIANO

COVILHÃ

— Vende directamente ao consumidor — FAZENDAS PARA FATOS DE HOMEM OU SENHORA

— — — PEGAM AMOSTRAS — — —

Os crimes da policia

Um velho carroceiro brutalmente agredido

Júlio Martins, carroceiro da Parceria Vinícola Portuguesa L.ª, estava anteontem, pelas 17,30 horas, com a carroça junto da porta do escritório desta firma, rua da Prata, 234, esperando ordens, quando se lhe acercou o policia de giro que o intimou a retirar-se. Respondeu-lhe não o poder fazer, sem que apparecesse o empregado que esperava e que não saberia depois para onde se teria dirigido.

Pois foi isto o suficiente para que o civico saltasse para a carroça e, sem respeitar a quasi invalidez do Martins, que é já velho e quasi cego, o sovrão à pranchada e lhe arrancasse as guias das mãos, levando-o ainda preso para a esquadra, donde transitou para o governo civil. Esta insolita agressão, que deixou o Martins com a cara cheia de equimoses, provocou indignos protestos a todos que o presenciaram, tendo-lhe logo cobrio a intervenção dum official do exército, que foi também desrespeitado pelo civico.

Mas não ficou por aqui a arbitrariedade, pois o agredido, colhido de surpresa, foi ontem mesmo submetido a julgamento no famigerado tribunal de pequenos delictos, que o condemnou em 150\$000 de multa, não tendo apresentado testemunhas de defesa, que seriam inúmeras, por falta de tempo.

Quando se deu o caso o unico policia se viu, o agressor. Pois como testemunhas de accusação figuravam mais dois colegas daquelle, que evidentemente não assistiram à revoltante scena!

Soma e segue...

Classes que reclamam

S. U. da Construção Civil

Conselho de Secções
A comissão de aumento de Salário, está trabalhando activamente para apresentar o resultado das suas demarches ao Conselho de Secções, que reúne na próxima terça-feira, pelas 20 horas, com a presença de todos os delegados e das Comissões Administrativas das Secções Sindicais e Profissionais.

A referida comissão, dará também conta de todos os seus trabalhos, ao operariado da industria, em dia e hora que o Conselho resolver na reunião acima indicada.

UM FLAGELO

que atara de preferência as crianças

E' A TOSSE CONVULSA. O Sanoqueluche, preparado descoberto há pouco tempo, tem dado excelentes resultados no tratamento desta doença, bastando, na maioria dos casos, um frasco para se obter a cura completa.

O Sanoqueluche também tem sido experimentado com óptimos resultados, em crianças e adultos, nas tosses de constipações, bronquite, tosses nervosas, tosses secas e em muitas tosses rebeldes em que outros tratamentos tem sido inúteis.

Corte e guarde este anúncio que pode um dia ser útil para si ou para uma pessoa amiga.

Frasco 10\$00. Para 1 frasco Correio, mais 2\$00. Depósito geral: Farm. Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A, 13-B—Lisboa.

Uma excursão de estudo a Sintra

Um grupo de 50 alunos da Escola Industrial de Fonseca Benevides parte hoje, às 6,10, para Sintra, onde vão em excursão de estudo, sendo acompanhados pelo director, pelo professor e engenheiro sr. Gomes e pelo secretário da Escola.

A excursão é promovida pela Liga de Instrução e Educação dos alunos deste estabelecimento de ensino.

AS CREANÇAS

Fracas de nascença ou as que tem o organismo enfraquecido por doenças que tiveram, as que tem falta de apetite ou cor palida, as que se encontram em convalescência de qualquer doença grave e, em geral, todas as crianças raquíticas, escrofulosas ou linfáticas, devem tomar o "Adipolo", tónico excelente para crianças, preferível às emulsões e ao óleo de fígado de bacalhau, pelo seu gosto agradável e pelas suas superiores propriedades tónicas. O "Adipolo" accelera a nutrição, estimula o apetite e facilita a digestão. Todas as crianças, seja qual for a idade, podem tomar o "Adipolo": ele não contém substancias que irritem o estomago ou os intestinos.

Frasco, 10\$00. Correio, mais 2\$00. Depósito geral: Farmácia Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa, Telefone 204, Norte.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Secção metalúrgica — Reúne amanhã, pelas 19 horas a comissão executiva.

Núcleo de Aveiro. — Para fins que se prendem com a vida neste núcleo, devem reunir na próxima quinta-feira, 13 do corrente, pelas 20 horas, na sede, todos os jovens em assembleia geral para nomear delegados ao seu congresso e tratar de outros assuntos.

Pessoal da Companhia União Metalúrgica

Para continuação dos trabalhos encetados na reunião de sexta-feira passada e que dizem respeito à situação dos operários ante o encerramento das oficinas, reúne amanhã, às 20,30 horas, este pessoal, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 204, 12.º.

Últimas notícias

NO PERU

Vai ser proposto o voto às mulheres

LIMA, 7.—Vai ser proposta a aprovação do Parlamento uma lei concedendo o voto às mulheres. Esta lei é patrocinada pelo ministro do interior.

NA ESPANHA

Políticos e militares insultam-se, agredem-se e agitam-se

MADRID, 7.—O sr. Sanchez Guerra agrediu o general Aguilera à bofetada, tendo-se este defendido. Os senadores separaram os dois adversários. O motivo da agressão foi uma frase do general Aguilera que se desconhece e que o sr. Sanchez Guerra depois do conflito repletu ao ouvido do sr. La Cierva. O sr. Sanchez Guerra e o general Aguilera pouco tempo depois do conflito reconciliaram-se.

Tem continuado a ser muito grande o número de pessoas que tem ido deixar os seus cartões a casa do general Aguilera, tendo ali estado o general Milans del Boscho, chefe da casa militar do rei. Esta visita foi comentadíssima. Continua a haver grande efervescência no Casino Militar.

Quando o general Ag

Uma violência

da Sociedade "A Voz do Operário"

Podem-nos a publicação do seguinte: *Camarada redactor*. — A propósito da notícia que, referente à prepotência que sofremos, tem dignamente *A Batalha* publicado no domingo, permitam-nos que mais uma vez o venhamos incomodar aclarando a questão, para que os dignos sócios desta sociedade e verdadeiros senhores dela e o público em geral, julguem da justiça que nos assiste e ao mesmo tempo conheça a administração feita por aqueles que a si arrogam o direito de serem os únicos a deter a direcção dos destinos da sociedade, não esquecendo que os factos estão sendo deturpados pela direcção e por aqueles que a ela andam ligados por seus interesses.

Diz a notícia de *A Batalha* que por cada 100 cotas se pagava 1 escudo.

Ora há equívoco. Antes da guerra as cotas eram pagas a 1500 o milheiro e com os sucessivos aumentos estavam sendo pagas a 5540 ultimamente quando a todo o pessoal estava sendo pago mais de 10 vezes o que venciam naquela época.

Reclamaram os empregados a actualização do pagamento do seu trabalho, mas sempre foi adiada a solução do assunto até que em Junho p. p. foi alterado o trabalho por conveniência do serviço para mais de metade do que dava até à data, pois passaram as cotas a ter mais duas numeradas além da que já tinham. Nessa altura os empregados fizeram ver a desproporção em que estavam, e reclamaram um pagamento em harmonia com o novo trabalho e que com toda a justiça devia de ser de 15 escudos, mas condescendendo em o fazer pela actualização que pediram antes, ou seja 10 escudos.

A direcção apenas quis dar 50 %, sobre o que venciam e vindo que os empregados declaravam a greve, apenas alterou para 60 %, ou seja o trabalho pago a 8564.

Não acederam os empregados pois que tendo condescendido em trabalhar por 10 escudos quando devia ser 15 era

prestarem-se a exploração indigna de assalariados dignos, o acederem a tal briga, que outra coisa não é a teima da "direcção da Voz".

Como os empregados de cotas se não curassem à prepotência destes senhores, declararam os seus suspensos e passaram a levar o trabalho do preenchimento das cotas para a fábrica de tabacos, para mercenarias e até para casa de empregados que a isso se prestaram dando em resultado que o trabalho que devia estar pronto em 29 de Junho ainda não está pronto nesta data, causando graves transtornos ao serviço da Sociedade.

Ora é bem que se compreenda que este serviço é extenuante em extremo e não pôde ser feito por mais de 6 horas num dia e nunca seguidas, pois para se fazer uma média de 100 numa hora é preciso não levantar cabeça e pôde-se avaliar o que é estar curvado a escrever velozmente uma hora. O que é certo é que um empregado que se expõe a trabalhar um dia inteiro fica inutilizado para o dia seguinte dando em resultado que mais se não faz que 500 cotas, trabalhando normalmente, tirando por conseguinte bem fraca remuneração.

Depois de longos anos de serviço, estando defraudados na parte que lhes não foi paga pela diferença de actualização do pagamento, estão os empregados despedidos por não quererem curvar-se a uma exploração infame por aqueles que justamente reclamam melhoria dos seus vencimentos nas fábricas em que trabalham, dando razão ao ditado: "Se queres ver o vilão, methe-o no manto da mão".

Perdão camarada redactor o espaço que lhe roubamos mas a fé de justiça não leva a assim proceder, recorrendo ao único jornal que sente e toma a devida dos explorados.

Lisboa, 7 de Julho de 1923.

Armando Travessa, Alvaro Fernandes Guerra.

Ferrovários da C. P.

Terminaram ante-ontem os trabalhos da conferência de Lisboa

Com numerosa concorrência prosseguiram ante-ontem o respectivo simpatizante, a análise e discussão dos assuntos apresentados pela respectiva Comissão Administrativa, tendentes ao desenvolvimento da classe.

Nesta reunião ventilaram-se os seguintes assuntos que haviam ficado suspensos na reunião do último domingo: Relações entre as diferentes secções, no serviço e na organização; higiene, condições de trabalho e habitação; horário de trabalho, sua análise e resolução; a tomar; situação financeira do sindicato; Caixa de Reformas.

O resultado desta conferência como o das que se vão efectuar em vários pontos da linha, será presente às assembleias gerais da classe para os apreciar devidamente.

O Conselho Técnico, um dos problemas mais debatidos na conferência, bem como o horário de trabalho serão tratados logo após a realização dos que se vão seguir, pondo-se imediatamente em execução as resoluções tomadas.

A discussão conservou-se sempre muito animada sobre todos os pontos versados, tendo a situação financeira do sindicato merecido também a maior atenção da classe.

A Comissão de Melhoramentos entrevistou-se ontem com o ministro do Comércio sobre as reclamações pendentes, tendo declarado aquele senhor estar esperando resposta da Companhia.

Pró-"Despertar"

Como temo anunciado, realiza-se hoje, pelas 21 horas, no Centro Socialista de Lisboa, rua do Bemfomeiro, 150, a festa que o Núcleo da Mocidade Sindicalista de Lisboa promove a favor do seu órgão na imprensa, *O Despertar*.

Os bilhetes que dão entrada na festa, encontram-se quase esgotados, devendo os que sobraarem, ser vendidos no local onde se realiza a festa.

O desempenho do programa está a cargo do Grupo Dramático "Amigos da Arte", que fará subir à scena o empolgante drama social *"O Operariado"*, seguido duma comédia e diversos atractivos.

Manuel Joaquim de Souza, antes de se iniciar o espectáculo, realizará uma conferência subordinada a um tema interessante e instrutivo.

Atendendo à natureza desta festa, é natural que amanhã a sala do Centro Socialista, seja pequena para conter os amigos de *O Despertar*.

Inquilinos e senhorios

Em *A Batalha* de 31 de Maio publicamos uma notícia referente ao caso de Manuel António Romão, guarda-freio dos eléctricos, proprietário duma casa abarrecada na rua Particular do Casalinho da Ajuda, letras M. A. R., ter saltado um muro contendo e forçar a porta da casa, onde reside Raúl da Silva, chauffeur.

Procurou-nos o guarda-freio que nos nos disse não ser verdade o que aqui se disse. De facto a casa é sua e tem filia a sua residência, mas como tem duas filhas a educar, reside acidentalmente em casa de pessoas de família na rua de S. Paulo, não ficando mais próximo da escola. No entanto conserva na sua casa todos os seus haveres, tendo as respectivas chaves para entrar quando deseja.

Diz que vive lá como hóspede Raúl da Silva, chauffeur, e quando um dia entrou pela porta, não pelo quintal mas pela porta, foi agredido pelo sogro daquelle, o polícia 1562, que estava à paisana. Depois foi preso por este e acompanhado por mais dois policias ao governo civil onde esteve cinco dias num dos calabouços. Declara mais não necessitar saltar pelo muro porque tem chaves da porta de entrada e dos quartos que lhe pertencem, contestando portanto a informação que recebemos.

UM DESMENTIDO

Escreve nos José dos Santos para nos declarar que o manifesto fascista ultimamente publicado não foi composto nem impresso na sua officina mas sim na Sociedade Nacional de Tipografia.

Podem-nos a publicação deste desmentido devido a ter-se despoletado uma atoarda desagradável a que entende dever pôr cõbpo por esta forma.

va-me... Eu mordicava-lhe os dõdos e escarvava de contente o solo com o meu casco, para lhe agradecer... depois elle lavava-me e, quando acabava o seu trabalho, contemplava com admiração o meu flanco lizo, a minha perna, direita como uma flecha e terminada por um largo casco, a minha garupa sedosa e luzidia e o meu dorso arredado. Depois de ter deitado feno na grade e ajeita na manjedoura, afastava-se e o cocheiro vinha ver se tudo estava em ordem...

O cocheiro, Phéopane, parecia-se com seu patrão; um e outro não tinham meio de coisa alguma e nada amavam no mundo; era essa mesma a razão porque toda a gente lhes queria bem e os admirava. Phéopane trazia sempre uma camisa vermelha, calças e casacaquim de peluche. Eu gostava de vê-lo, aos dias de festa, quando, bem penteado e bem vestido, elle entrava na cavalariça e bradava em voz retumbante: «Vamos, animal, que fazes tu?» ao mesmo tempo que me dava uma pancada na coxa por brincadeira e não para me fazer mal; então eu arrebitava as orelhas e mostrava-lhe os dentes.

Havia também um cavalo de lanqueamento preto, que costumavam atrelar algumas vezes comigo, a noite... Chamava-se Polkane. De um carácter desagradável, elle não compreendia os gracejos; era simplesmente mau como um diabo. Como as nossas cavalariças eram vizinhas uma da outra, sucedia-me muitas vezes questionar seriamente com elle.

TEATROS

TEATRO POLITEAMA

A comédia ORDEM DE MARCHA

Depois de *"O lodo"*, em que as opiniões se dividiram, os antagonismos se acirramam e a falta de imparcialidade se acentuou mais uma vez, tivemos uma comédia jasiinha para despoliar e pôr o fígado a funcionar bem.

Vai-se prolongando de mais o azeite que em volta da peça do sr. Alfredo Cortez se criou; as conversações parecem que tomam maior incremento dia a dia, falo-se nos cafés, discute-se nos clubes, formam-se os grupos pro e contra nas ruas do maior movimento e *"O lodo"* não se desfaz e o sr. Cortez sorri, porque a esta hora deve já ter vendido nas livrarias algumas boas centenas do seu drama, cubitosamente procurado, e desesperadamente lido e relido, para que não fiquem dúvidas sobre o seu contexto e para que o bom chefe de família não tenha hesitações sobre se deve ou não levar a mulher e as filhas, aos espectáculos que não veem longe, da famosa peça.

O desempenho foi enjudo, não havendo motivos para especializações, tam bom foi o desejo de agradar que cada artista pôz no seu papel, no entanto aprez-nos referir ao trabalho de Gil Ferreira, artista consciencioso que estuda sempre e que vai marcando o seu lugar no teatro da comédia.

Erá preciso mudar a atenção para uma comédia de efeitos seguros de burlesco e que fosse inofensiva para os ouvidos castos de alguns frequentadores

Notícias

Está despertando um excepcional interesse a recita da moda de terça-feira, em S. Carlos, que será constituída pela *"premiêre"* da peça *"Mar alto"*, de António Ferro, em que Lucinda Simões tem um trabalho que foi unanimemente elogiada pela imprensa brasileira.

Na interpretação do *"Mar Alto"* tomam, também parte Erico Braga, Mário Santos e a pequenina actriz Maria Cristina, que faz um *"travesti"*. A encenação da peça é do professor António Pinheiro. A completor o espectáculo com esse original, vai a scena *"A História"* episódio de Jacinto Benavente, tradução de Correia Perez, estando o desempenho confiado a Hortense Luz, Joaquim Almada e Augusto Conde.

Com a despedida inadiável da Companhia José Ricardo, realiza-se terça-feira, no Apolo, a recita de Ilda Sticchini, em que Brazão e a festejada desempenham os dois actos de *"Hamlet"* em que há o monólogo *"Ser ou não ser"* e a *"scena da loucura"*.

Tomam por amável deferência parte no espectáculo a actor Amante, de desempenhando o *"sargento Barros"* de *"A triste viuvinha"* e Gastão Alves da Cunha. Completa o espectáculo a *"Farda de Ignês Ferreira"* de Gil Vicente. Já estão à venda os bilhetes.

Palma Bastos apparece-nos a representar no Apolo, na quarta-feira, sendo a peça em que a veremos na protagonista, a primeira que escreveu Pinheiro Chagas e que tanta celebridade alcançou. *"A Morgandina de Valde"*, peça que desde a sua *"premiêre"*, há 34 anos — está tendo sucessivas *"répétitions"* e que é sempre de flagrante actualidade.

Realiza-se hoje a reabertura do teatro Maria Vitoria com a primeira representação da fantasia-revista *"Fado Corrido"*.

Reclames
Hoje e amanhã, são, em S. Carlos, irrevogavelmente, as últimas representações de *"Magda"*, a sensacional peça em que Lucinda Simões arrebatou e empolgou o público com o seu prodigioso trabalho, na parte de protagonista. A estas derradeiras recitas de despedida não deve, pois, faltar quem não pretender privar-se de espectáculos aos quais a arte se alia ao bom gosto.

Em alegria esultante e comunicativa, os espectáculos do Nacional, com *"A Viuva Gomes"*, não tem rival na actualidade.

Para se gozar um deslumbrante espectáculo, cheio de animação e alegria, basta ir ao Eden, ver a revista *"Café Verde"*. Tem graça, linda música, bom desempenho, surpreendentes apoteoses, um rico guarda-roupa de fino gosto e esplêndido cenário.

"Café Verde" vai sempre à scena em duas sessões.

Hoje, no Apolo, a penúltima apresentação da popular peça *"Os Fidalgos da Casa Mourisca"*, que ficará sem ver quem deixar perder as recitas desta noite e amanhã.

Amanhã estreia-se na *"matinée"* do Sílao Foz e Chado-Terrace o cinematographo, em 10 episódios e 22 partes, *"Paris Misterioso"*, o qual se exhibe completo num só espectáculo, repetindo-se na *"soirée"*.

CARTAZ
S. CARLOS. — A's 21, 15 — *Magda*.
NACIONAL. — A's 21, 15 — *A Viuva Gomes*.
AVENIDA. — A's 21, 15 — *Dama das Camélias*.
POLITEAMA. — A's 21, 15 — *Ordem de Marcha*.
APOLO. — A's 21, 15 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.
EDEN THEATRO. — A's 20, 45 e 22, 45 — *Café Verde*.
MÁRIA VITÓRIA. — A's 21 — *Fado Corrido*.
GIL VICENTE. — A's 21 — *D. Cezar de Bazan*.

SALAO FOZ. — A's 21, 15 — *Animatographo*.
CHADO TERRASSE. — A's 14 e 15 — *Animatographo*.
OLIMPIA. — *Animatographo*.
CONDES (Avenida). — *Animatographo*.
CENTRAL (Avenida). — *Animatographo*.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges). — *Animatographo*.
IDEAL (Loretto). — *Animatographo*.
ROSSIO (Arco Bandeira). — *Animatographo*.

DESPORTOS

FUTEBOL

Taça Mutillados de Guerra

Hoje que se realiza a final da Taça Mutillados da Guerra, disputada entre o Club de Foot-ball *"Os Belenenses"* e o *"Carvalhinhos Foot-ball Club"*. Este desafio effectua-se no campo de Pálhava, às 18 horas, e será arbitrado pelo dr. Silvestre Rosmaninho, do Casa Pia.

O *"Hockey Club de Portugal"* faz uma festa no seu campo.

Pelas 16 horas, realiza-se hoje, no campo do *"Hockey Club de Portugal"*, em Sete-Rios, uma bela festa desportiva que constará de jogo de pa' pelo professor Domingos Miguel e outros jogadores de renome; box por Julio Barcelo e Silva Rasteiro; esgrima, luta de tração por duas fortes equipas, e terminando por um animado desafio de foot-ball entre os finalistas do Torneio da Taça *"Patria"*, que são os grupos do *"Carnide Club"* e do *"Hockey Club de Portugal"*.

Jogam hoje, às 10 horas, no campo de Caraxide, o Santa Cruz Foot-ball Club contra o Sporting Foot-ball Club.

o meu impulso e avançava graciosamente o meu pescoco.

A cozinheira, que saia para despejar as águas sujas, parava no limiar da porta; o mujik que acabava de desatrelar os bois, seguia-nos com os olhos. Nós avançamos alguns passos, depois reatínhamo-nos. Então os lacaio e os cocheiros rodeavam-nos, e nós conservávamos, enquanto esperávamos o patrão; algumas vezes, ficávamos três horas deante da escadaria até que elle apparecesse. Durante esse tempo, rodeados da valetagem, recapitulávamos todas as antigas histórias que sabiamos, todas as novidades que ouvira-mos, depois, não podendo mais estar parados, dávamos uma pequena volta e vinhamos de novo esperar a bel prazér do nosso dono. Afinal, ouvia-se ruído na ante-câmara, o doméstico Tikhonov, em fado preto, corria e gritava: *"Aproxime-se!"* No mesmo tempo não havia ainda o estúpido costume de gritar-se: *"À frente!"* como se alguém, nas nossas condições, ignorasse que é para deante e não para traz que se vai ao encontro de quem se espera.

Phéopane aproximava-se e o nosso dono adelantava-se com passo indolente, trazendo o seu sabre; a sua bela cabeça era, em parte, oculta pelo colar de pele de castor e pelo seu shako.

Sem nos dar a minima importância, a nós que, a não ser elle toda a gente admirava, montava no trenó e nós partiamos. Eu lançava-lhe sempre um olhar a furto e de esguelha, sacudindo

tações de *"Magda"*, a sensacional peça em que Lucinda Simões arrebatou e empolgou o público com o seu prodigioso trabalho, na parte de protagonista. A estas derradeiras recitas de despedida não deve, pois, faltar quem não pretender privar-se de espectáculos aos quais a arte se alia ao bom gosto.

Em alegria esultante e comunicativa, os espectáculos do Nacional, com *"A Viuva Gomes"*, não tem rival na actualidade.

Para se gozar um deslumbrante espectáculo, cheio de animação e alegria, basta ir ao Eden, ver a revista *"Café Verde"*. Tem graça, linda música, bom desempenho, surpreendentes apoteoses, um rico guarda-roupa de fino gosto e esplêndido cenário.

"Café Verde" vai sempre à scena em duas sessões.

Hoje, no Apolo, a penúltima apresentação da popular peça *"Os Fidalgos da Casa Mourisca"*, que ficará sem ver quem deixar perder as recitas desta noite e amanhã.

Amanhã estreia-se na *"matinée"* do Sílao Foz e Chado-Terrace o cinematographo, em 10 episódios e 22 partes, *"Paris Misterioso"*, o qual se exhibe completo num só espectáculo, repetindo-se na *"soirée"*.

CARTAZ
S. CARLOS. — A's 21, 15 — *Magda*.
NACIONAL. — A's 21, 15 — *A Viuva Gomes*.
AVENIDA. — A's 21, 15 — *Dama das Camélias*.
POLITEAMA. — A's 21, 15 — *Ordem de Marcha*.
APOLO. — A's 21, 15 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.
EDEN THEATRO. — A's 20, 45 e 22, 45 — *Café Verde*.
MÁRIA VITÓRIA. — A's 21 — *Fado Corrido*.
GIL VICENTE. — A's 21 — *D. Cezar de Bazan*.

SALAO FOZ. — A's 21, 15 — *Animatographo*.
CHADO TERRASSE. — A's 14 e 15 — *Animatographo*.
OLIMPIA. — *Animatographo*.
CONDES (Avenida). — *Animatographo*.
CENTRAL (Avenida). — *Animatographo*.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges). — *Animatographo*.
IDEAL (Loretto). — *Animatographo*.
ROSSIO (Arco Bandeira). — *Animatographo*.

Hoje e amanhã, são, em S. Carlos, irrevogavelmente, as últimas representações de *"Magda"*, a sensacional peça em que Lucinda Simões arrebatou e empolgou o público com o seu prodigioso trabalho, na parte de protagonista. A estas derradeiras recitas de despedida não deve, pois, faltar quem não pretender privar-se de espectáculos aos quais a arte se alia ao bom gosto.

Em alegria esultante e comunicativa, os espectáculos do Nacional, com *"A Viuva Gomes"*, não tem rival na actualidade.

Para se gozar um deslumbrante espectáculo, cheio de animação e alegria, basta ir ao Eden, ver a revista *"Café Verde"*. Tem graça, linda música, bom desempenho, surpreendentes apoteoses, um rico guarda-roupa de fino gosto e esplêndido cenário.

"Café Verde" vai sempre à scena em duas sessões.

Hoje, no Apolo, a penúltima apresentação da popular peça *"Os Fidalgos da Casa Mourisca"*, que ficará sem ver quem deixar perder as recitas desta noite e amanhã.

Amanhã estreia-se na *"matinée"* do Sílao Foz e Chado-Terrace o cinematographo, em 10 episódios e 22 partes, *"Paris Misterioso"*, o qual se exhibe completo num só espectáculo, repetindo-se na *"soirée"*.

CARTAZ
S. CARLOS. — A's 21, 15 — *Magda*.
NACIONAL. — A's 21, 15 — *A Viuva Gomes*.
AVENIDA. — A's 21, 15 — *Dama das Camélias*.
POLITEAMA. — A's 21, 15 — *Ordem de Marcha*.
APOLO. — A's 21, 15 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.
EDEN THEATRO. — A's 20, 45 e 22, 45 — *Café Verde*.
MÁRIA VITÓRIA. — A's 21 — *Fado Corrido*.
GIL VICENTE. — A's 21 — *D. Cezar de Bazan*.

SALAO FOZ. — A's 21, 15 — *Animatographo*.
CHADO TERRASSE. — A's 14 e 15 — *Animatographo*.
OLIMPIA. — *Animatographo*.
CONDES (Avenida). — *Animatographo*.
CENTRAL (Avenida). — *Animatographo*.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges). — *Animatographo*.
IDEAL (Loretto). — *Animatographo*.
ROSSIO (Arco Bandeira). — *Animatographo*.

Hoje e amanhã, são, em S. Carlos, irrevogavelmente, as últimas representações de *"Magda"*, a sensacional peça em que Lucinda Simões arrebatou e empolgou o público com o seu prodigioso trabalho, na parte de protagonista. A estas derradeiras recitas de despedida não deve, pois, faltar quem não pretender privar-se de espectáculos aos quais a arte se alia ao bom gosto.

Em alegria esultante e comunicativa, os espectáculos do Nacional, com *"A Viuva Gomes"*, não tem rival na actualidade.

Para se gozar um deslumbrante espectáculo, cheio de animação e alegria, basta ir ao Eden, ver a revista *"Café Verde"*. Tem graça, linda música, bom desempenho, surpreendentes apoteoses, um rico guarda-roupa de fino gosto e esplêndido cenário.

"Café Verde" vai sempre à scena em duas sessões.

Hoje, no Apolo, a penúltima apresentação da popular peça *"Os Fidalgos da Casa Mourisca"*, que ficará sem ver quem deixar perder as recitas desta noite e amanhã.

Amanhã estreia-se na *"matinée"* do Sílao Foz e Chado-Terrace o cinematographo, em 10 episódios e 22 partes, *"Paris Misterioso"*, o qual se exhibe completo num só espectáculo, repetindo-se na *"soirée"*.

CARTAZ
S. CARLOS. — A's 21, 15 — *Magda*.
NACIONAL. — A's 21, 15 — *A Viuva Gomes*.
AVENIDA. — A's 21, 15 — *Dama das Camélias*.
POLITEAMA. — A's 21, 15 — *Ordem de Marcha*.
APOLO. — A's 21, 15 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.
EDEN THEATRO. — A's 20, 45 e 22, 45 — *Café Verde*.
MÁRIA VITÓRIA. — A's 21 — *Fado Corrido*.
GIL VICENTE. — A's 21 — *D. Cezar de Bazan*.

SALAO FOZ. — A's 21, 15 — *Animatographo*.
CHADO TERRASSE. — A's 14 e 15 — *Animatographo*.
OLIMPIA. — *Animatographo*.
CONDES (Avenida). — *Animatographo*.
CENTRAL (Avenida). — *Animatographo*.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges). — *Animatographo*.
IDEAL (Loretto). — *Animatographo*.
ROSSIO (Arco Bandeira). — *Animatographo*.

"A BATALHA" - na provincia - e nos arredores

PRAIA DA NAZARÉ 6 DE JULHO

Um conciliabulo dos comerciantes de fazendas e a burla do celebre decreto contra os lucros illicitos

A ninguém já resta a minima dúvida da que a lei, esse fantasma feito de papel para cuja observância e respeito os homens do governo e seus serventiaes, inclusive o simples mestre-escola, empregam todos os processos de intimidacão: aqueles por meios violentos e coercitivos e este pela administração duma educação deliciente e fundamentalmente dogmática, não passa de um mero pedaço de pergaminhado papel sem vida, sem alma, sem espirito, sem accção, nomeadamente quando se trata da necessidade de defender e reivindicar os direitos do povo.

Pois a confirmar exuberante e insofismavelmente a verosimilhança das nossas considerações, está o facto de há dias os comerciantes de fazendas desta localidade, reunidos em conciliabulo a porta fechada, acordarem no aumento dos preços dos artigos do seu comércio, resolvido essa que teve materialisação no dia seguinte, o que toda a gente vê e vem não sem certo espanto.

Vem a propósito frisar que a quando da publicação do famigerado decreto de repressão dos lucros illicitos os comerciantes, assustados com o fantasma do espantoso, fizeram um escarceo dos diabos, dando-se imediatamente a aporiar a todos os artigos expostos quadros de papelão muncudores do preço por que podiam vender os mesmos, cumprindo deste modo com as prescrições do decreto.

Porém, depois de se aperceberem de que o referido decreto nada tinha de impeditivo ou repressivo da sua desmedida ganancia, e por conseguinte não passava de uma simples poeira lançada aos olhos dos papalvos, a exposição dos tais quadradinhos de papelão cessou por completo, e o que é mais grave, a matéria prima para a confecção do nosso vestuário aumenta de preço de dia para dia, tornando-se quasi impossivel apresentarmos-nos ao contrário do velho pai Adão. Protestar para quê?

Pedir providências, a quem se aqui não há autoridades?... — C.

BARREIRO 6 DE JULHO

O aumento no preço do pão

Há tempos que nesta terra se estava vendendo o pão a 1500, mas no dia 5 de Junho passou a 1910, dizendo o edil do administrador que era devido à farinha ter sido aumentada no seu preço legal. Esperavamos que algum protestasse, mas isso não se verificou, parecendo que isto era a coisa mais natural da vida.

Estamos em Julho, e no dia 3, o administrador fez afixar um edital à porta das padarias pelo qual o pão passava a 1920 no dia 5. Estamos a 6, e todos tem pago o pão com o aumento, sem que haja um protesto, seja de quem for, parecendo que o povo está cheio de dinheiro e que por isso não há aumentos no custo da vida, que sejam capazes de exgotar os largos saldaños que se ganham.

Aqui não há organização central e já há tempos diziam que seria bom que o militantes pensassem em organizar a U. S. O. local para assim defender os

interesses da população, mas parece que os militantes não se incomodam com os interesses gerais do operariado desta vila, mas sim apenas com as chaves a que pertencem.

Nesta conformidade nenhuma accção tem a iniciativa, pois que as entidades não correspondem, como sucedem com a comemoração do 1.º de Maio, que apesar de todos os Sindicatos haverem tomado compromissos numa reunião de delegados, leve que um só pagar as despesas.

Por tanto o povo que desperde, pois que na questão do pão parece que o administrador quer aumentar \$10 centavos até que os padeiros estejam satisfeitos. É o que se desprende de certos aumentos nos dias 5 de cada mês.

O horário na Construção Civil
Publicou a *Batalha* de hoje uma carta que merece algumas referências.

Em primeiro lugar os operários da Construção Civil não se referiam aos carpinteiros, mas a todos os ferreiros que tem profissões ligadas à construção civil. Em segundo lugar, do facto os operários da Construção Civil trabalham na sua maioria mais que 8 horas, mas, ao contrário do que a carta diz, operários que nunca fizeram mais que 8 horas, nem fazem (notem que eu faço mais desde Fevereiro, data em que com mais dois camaradas alugamos uma casa para trabalharmos por nossa conta, mas quando trabalho em qualquer obra faço apenas 8 horas; isto expõem para não haver confusões), sendo portanto falso que todos, sem excepção, trabalhem mais que 8 horas.

É o camarada que assina a carta que menos autoridade tem para assim escrever, visto que, sendo um camarada com ideias libertárias, sai do Caminho de Ferro, às 17 horas, e vai trabalhar até que a luz do dia o permita, provando assim que se regula pela orientação dos outros, o que não é lógico, pois que não está debaixo da acção de certos cavalheiros da Construção Civil.

Ao terminar esta, recebi a notícia de que fui ameaçado. Peço ao camarada Pedro Carlos dos Reis para não fazer o mesmo, visto que se pode justificar nessa ameaça e causar dissabores aos restantes, que não vão pela orientação dos outros. — C.

ESPOZENDE 5 DE JULHO

Esta vila, desconhecida quasi completamente em tudo e por tudo, começa agora a tornar-se notada.

Só a classe operária continua num deplorável alheamento do seus direitos e deveres, passivamente suportando a mais desenfread